

REFLEXÕES SOBRE O ESPAÇO GEOGRÁFICO A PARTIR DA FENOMENOLOGIA

Matusalém de Brito Duarte

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais
Matusduartskog@yahoo.com.br

Vandeir Robson da Silva Matias

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais
Vandeirgeo@yahoo.com.br

RESUMO

O conhecimento, que significa organizar, estruturar e explicar as experiências do sujeito com o mundo dos objetos, corresponde a uma construção social da realidade e da história, adquirida pela experimentação na percepção do mundo. A construção do conhecimento acontece na observação e experimentação do sujeito especializado, a partir dos processos políticos, econômicos, culturais e sociais que se apresentam. O espaço é objeto de estudo de vários pesquisadores: matemáticos, filósofos, geógrafos, psicólogos, sociólogos, pela sua íntima relação com a percepção e com a representação. Diante desta complexidade, é propósito deste artigo refletir sobre essa categoria, a partir da corrente fenomenológica, como aprofundamento da compreensão teórica em torno dessa categoria chave da Geografia.

Palavras-chave: Espaço geográfico, paisagem e fenomenologia

REFLECTIONS ABOUT GEOGRAPHICAL SPACE STARTING FROM THE PHENOMENOLOGY

ABSTRACT

The knowledge, that means to organize, to structure and to explain the experiences of the subject with the world of the objects, it corresponds to a social construction of the reality and of the history, acquired for the experimentation in the perception of the world. The construction of the knowledge happens in the observation and experimentation of the subject speciality, starting from the processes political, economical, cultural and social that present. The space is object of several researchers' study: mathematical, philosophers, geographers, psychologists, sociologists, for intimate relationship with to the perception and with the representation. Due to this complexity, it is purpose of this article to contemplate on that category, starting from the current phenomologic, as deeply of the theoretical understanding around that key category of the Geography.

Key-word: Space geographical, landscape and phenomenology

Introdução

O homem, através da ciência geográfica, ao longo de sua trajetória histórica vem desenvolvendo o estudo da categoria espaço, e nesta evolução, têm buscado entender a importância desta categoria para as análises e reflexões de fenômenos sociais, culturais, naturais entre outros; contudo ocorre a necessidade de se avançar mais nessa discussão e tentar entender melhor o processo de construção dos conceitos de espaço, buscando desde as mais antigas definições de espaço e as novas concepções "dadas" ao espaço pela geografia humanística, através de um estudo fenomenológico deste, não simplesmente defini-lo, mas avançar na construção de seu

conceito através de uma reflexão. Em princípio, é importante transitar por estudos e/ ou definições feitas sobre o espaço à luz de outros métodos e concepções.

Espaço geográfico a partir da fenomenologia

Tratando o espaço como um fenômeno temos que percebê-lo como objeto de manifestação do seu(s) sentido(s) e como estrutura que reúne existência e significação, homem e mundo, pois esta é a concepção de fenômeno que consideramos, e é nesta linha de pensamento que gira a concepção fenomenológica-existencialista. Admitindo esta linha de estudo, não se trata de esgotar seu(s) sentido(s), pois seria impossível, mas apenas levantar alguns pontos importantes no estudo e, principalmente, questões para se pensar num avanço do estudo do espaço geográfico.

Vários filósofos e geógrafos tentaram definir o espaço ou buscaram se aproximar do seu sentido, apresentando características dadas como essenciais deste fenômeno. Uma das primeiras definições de espaço, encontradas em ABBAGNANO, foi feita por Aristóteles, que dizia que o espaço era a inexistência do vazio e lugar como posição de um corpo entre os outros corpos. Com esta definição, Aristóteles trata o espaço como uma "área" preenchida de corpos, neste caso sua visão despreza a necessidade do homem como componente, sua existência se limita unicamente a inexistência do vazio e a condição de um conjunto de pelo menos dois corpos. Para ele não basta que esta "área" esteja preenchida, é necessário que aja um referencial, um outro corpo que dê ao primeiro uma localização. Implicitamente podemos notar que em Aristóteles já está embutida a questão da localização como algo presente na estrutura do espaço. Apesar de deficitária, este conceito de espaço em Aristóteles nos apresenta um bom começo e um avanço, levando em consideração a época e a escassez formulações sobre espaço feitas anteriormente a ele.

Dando um salto grande na história do pensamento filosófico, encontramos no século XVIII outro filósofo, Immanuel Kant (1724-1804), citado em CHAUÍ, que, criticando os inatistas e os empiristas, formula seu pensamento sobre a razão e conhecimento. Sua crítica deve-se ao fato de que os inatistas consideram o conhecimento inato e independente da matéria e os empiristas a matéria como construtora da razão. Para ele a matéria fornece os conteúdos à razão e esta, a partir destes, formula as idéias, ou seja, não é a experiência que fornece as idéias, mas se utilizando da experiência que a razão as constrói.

Baseado nesta concepção do conhecimento, Kant dá importância às formas de sentido como instrumentos de percepção. Segundo Kant, nós percebemos todas as coisas dotadas de dimensões, ou seja, como realidades espaciais. O espaço não é algo passível de percepção mas o que permite haver a percepção. Nesta concepção, percebemos que ele separa espaço e os demais elementos; o primeiro é um "pano de fundo" para se afixar os corpos, como diz Aristóteles. Quando ele diz que o "*o espaço não é algo percebido, mas o que permite haver percepção*" é como se ele comparasse o espaço com o céu e as estrelas, ou seja, ele não existe mas é o que permite que as vejamos. As considerações feitas por Kant, a respeito do espaço, foram importantes, principalmente no avanço dos estudos regionais, mas são limitadas uma vez que não vêem e percepção do espaço como algo possível, nem o espaço como algo constituído de significado ou estrutura própria.

Mais adiante, alguns filósofos, como Heidegger, dão uma importância maior ao homem inserindo-o como componente essencial num estudo deste tipo, ele afirma que a realidade é humana e espacial na sua natureza, além de estar dominada pela proximidade ou pela distância das coisas utilizáveis. O homem como *ser-ativo-no-mundo* organiza e cria espaços arrumando e desarrumando de acordo com sua cultura e seus objetivos. Para isto, ele necessita buscar direções e referenciais para a busca de seus interesses, referenciais estes tanto próprios quanto sociais, de modo a alcançar uma organização de seu espaço vivido, seu lugar. Heidegger e sua concepção existencialista, traz uma contribuição muito grande num estudo fenomenológico-existencialista do espaço. Ao longo do estudo da evolução do estudo do espaço, é importante retomá-lo para nos aproximarmos mais da estrutura essencial do fenômeno espacial.

Com a inserção do homem, como fator de compreensão do que seja espaço, alguns filósofos da

corrente idealista, chegam a admitir o espaço como uma simples aparência, algo independente de um a priori interno que “brota” do homem, desprezando a existência como ponto de partida para a construção deste espaço pelo homem. Na verdade, a realidade não pode ser definida a não ser pelo conhecimento, mas ela é real e existe para o homem se constituir, como diz SARTRE “o homem não é mais que o que ele faz”. É neste existencialismo sartreano que buscamos também a nossa base de compreensão homem-mundo, uma vez que admitimos a essencialidade do homem na estrutura do espaço. SARTRE expurga o homem da concepção pronta e acabada, incapaz de se criar, de buscar possibilidades. Sua concepção de homem-mundo devolve ao homem a liberdade, a possibilidade de pôr para fora sua consciência, através da percepção, imaginação, conhecimento e liberdade. O homem, no processo de percepção, faz a distinção do percebido vendo que aquilo não o é nem é o outra coisa, por isso é aquilo. SARTRE inicia o conceito de percepção que trazemos neste estudo. Perceber não é ver, perceber é significar com liberdade de escolha. Em sua obra, LAPORTE (2000, p.51), ao trabalhar com Sartre completa este raciocínio:

para SARTRE a angústia se dá pela gratuidade da existência, pelas possibilidades que nunca se fecham, pela contingência; entretanto, hoje no mundo, a angústia se dá também porque se nega ao homem a possibilidade de angustiar-se como ser de escolha, restando-lhe a angústia de ser objeto.

Heidegger e Sartre contribuíram bastante com o método fenomenológico-existencialista e se apresentaram contrários a visão idealista do mundo e do espaço. Além destes, outro filósofo, talvez o mais importante, elabora um estudo deste tipo de grande contribuição no estudo da percepção: Maurice Merleau-Ponty. Para ele “O espaço não é o meio (real ou lógico) onde se dispõem as coisas, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível”, e, nesta possibilidade é essencial a presença do homem como sujeito que percebe este mundo um ser-no-mundo que implica o estar próximo e se relacionar com os objetos e o(s) outro(s) sujeitos.

Após este percurso pela concepção filosófica do espaço, faremos um percurso na história do pensamento geográfico, a partir da chamada Geografia Clássica, para compreendermos o conceito de espaço nos diversos paradigmas da ciência geográfica.

A primeira corrente da geografia, enquanto ciência, é chamada Geografia tradicional. Seu período, como paradigma dominante, foi de 1870 a meados de 1950. Os geógrafos desta corrente de pensamento não tinham o espaço como conceito chave, mas foram tratados, mesmo que de forma implícita.

Os principais representantes desta corrente de pensamento são Ratzel e Hartshorne. Para o primeiro, a política influenciou bastante na formulação do seu conceito de espaço. Para ele, o espaço foi definido como “espaço vital”, ou seja, base indispensável para a vida do homem. O “espaço vital” se confunde com o conceito de território, pois Ratzel o concede um caráter de poder aos espaços. O homem deve conquistar “espaços” a medida que o seu “espaço vital” se tornar limitado e insuficiente para sua “sobrevivência”, não apenas física mas de política e dominação.

Hartshorne se baseia em Kant para formular seu conceito de espaço, sendo este um conceito muito usado neste paradigma. O espaço para ele é o espaço absoluto, ou seja, apenas um quadro referente dos fenômenos. Para ele o espaço não existe, o que existe são fenômenos que se materializam neste referencial. Nesta visão, espaço e tempo são desprezados, deste modo, pouco se avançou na construção do conceito de espaço.

Outro paradigma da geografia é a Teorético-quantitativa, que passa a vigorar a partir da década de 1950. Em contraponto ao paradigma anterior, este dá uma importância maior ao conceito de espaço; aqui ele aparece associado a noção de *planície isotrópica* sob a ação de mecanismos econômicos. Em princípio, o espaço se apresenta como algo homogêneo no que diz a suas características físicas e humanas, para posteriormente ser diferenciado por aspectos econômicos: uso da terra, centro-periferia, etc., tendo como balisadores principais a distância, a orientação e a conexão. Aqui, o espaço é tratado como uma matriz estática e homogênea em todos os aspectos, sendo as interconexões, ligações, diferenciações definidas unicamente por modelos econômicos também estáticos. Como diz CORRÊA (1995, p. 23) “...o tempo e as transformações são

inexistentes ou relegadas a um plano secundário. Privilegia-se um presente eterno.”

É inegável que este paradigma trouxe avanços: a questão da inclusão da geografia nas ciências sociais e a maior importância dada ao estudo do espaço na geografia são dois pontos muito importantes a se considerar, porém, o desprezo dos aspectos humanísticos, culturais e físicos tornam a análise dos fenômenos limitada a uma única variável. Além do mais, o espaço é reduzido a uma matriz, mostrando que mesmo no século XX, as concepções de espaço e mundo na geografia estavam bem atrás das discussões feitas sobre os mesmos na filosofia, que mais a frente será retomada pela própria geografia.

O próximo paradigma, considerado o dominante na Geografia atual, surgiu em meados da década de 1970. Denominado como Geografia Crítica, este paradigma busca nas teorias marxistas sua base epistemológica. Desta forma, o espaço é concebido como *locus* da reprodução das relações sociais de produção. O espaço e a sociedade estão intimamente ligados e fazem parte de um mesmo conceito, pois o primeiro é o produto do modo de produção colocado pela segunda, ou seja, um como fator da outra. SANTOS é um representante importante desta corrente, em suas diversas obras sobre o espaço, ele define categorias de análise do espaço: estrutura, processo, função e forma.

A *forma* é o conjunto de objetos visíveis que formam um padrão espacial como um bairro, cidade, etc. A *função* é o papel desempenhado pela forma: cotidiano, moradia, por exemplo. O *processo* é a dinâmica interna da estrutura social e econômica, resultantes das contradições internas e a *estrutura* é a matriz histórica para que se concretize todo o processo.

Mais adiante, alguns geógrafos iniciam seus trabalhos a respeito do espaço com uma nova concepção epistemológica para a geografia, porém já utilizada na filosofia, considerando-o como fenômeno materializado, ALVES (1999) define o espaço, para ela “é produto das relações entre os homens e dos homens com a natureza, e ao mesmo tempo é fator que interfere nas mesmas relações que o constituíram. O espaço é, então, a materialização das relações existentes entre os homens na sociedade”. Este tipo de abordagem valoriza a observação e a descrição dos elementos do espaço, buscando-se a evidência das sensações através da exploração do visível ou da imagem, como forma de alcance da percepção do sentido.

A concepção de *espaço percebido*, não é bem aceita na geografia, à luz do paradigma dominante, vista como uma forma de análise que impede a construção de uma teoria geral do espaço. Um destes geógrafos é o próprio SANTOS, que concebe o espaço como um reflexo da sociedade que se transforma normalmente atrelada ao modo de produção. Este tipo de análise do espaço deixa claro seu caráter dialético, porém nega a percepção do homem numa análise importante, ou seja, a ênfase social e, principalmente econômica (modo de produção), torna-se mais importante que o homem como ser-no-mundo. Percebemos que, este tipo de análise, apesar de materialista, não converge ao existencialismo, negando os sentidos do homem e sua liberdade. Concordamos com BICUDO (p. 46) quando ela diz “o espaço originário é o percebido e vivido pelo corpo encarnado ao estar junto ao mundo, com o outro”, estamos situados sempre no mundo, num contexto, só assim podemos perceber o mundo. Não há como fazer uma análise do sentido ou da essência sem que estejamos situados. Quando se diz situado, voltamos as considerações de Heidegger e Sartre quando enfocam o homem como aquele que arruma, desarruma, organiza e significa o homem, deste modo é que podemos afirmar que só situados é que percebemos as particularizações do espaço.

Este tipo de estudo, dentro da geografia, surge com a chamada Geografia Humanística e cultural. Este paradigma baseia-se nos sentimentos espaciais e na percepção vista como significação. À luz deste paradigma, a categoria mais utilizada tem sido o *lugar*, mas o espaço também é considerado, principalmente como *espaço vivido* e como já dizemos anteriormente, como *espaço percebido*. Resgata-se a interação entre sujeito e objeto, o mundo deixa de ser um agente passivo e o homem se aproxima do seu espaço e dos fenômenos após anos do falso distanciamento imposto pelos demais métodos.

Para a elaboração e uso deste paradigma, os teóricos humanistas se utilizam da fenomenologia-

existencialista. O entendimento do espaço assim, deve ser elaborado a partir da percepção, entendida como conhecimento intersubjetivo a caminho de uma objetividade possível. Esta intersubjetividade refere-se ao encontro de invariantes encontradas nas diversas formas de percepção do espaço, pela análise dos discursos sobre o mesmo, de forma a chegar a um discurso da essência que seja, conforme diz REZENDE (1990), significativa, pertinente, relevante, referente e provocante. BUTTIMER (1995, p 172) explica a importância da intersubjetividade e como se é possível:

Uma vez consciente do mundo vivido na experiência pessoal, um indivíduo deveria visar apreender os horizontes compartilhados do mundo de outras pessoas e da sociedade como um todo. Falando de modo geral, lebenswelt poderia ser definido como um 'horizonte abrangente de nossas vidas individual e coletiva.

Sendo assim, fica claro que a fenomenologia não dificulta a construção de uma teoria do espaço, a insistência nesta afirmação demonstra a dificuldade encontrada por muitos na compreensão deste método tão rico e atual.

Seguindo esta linha de pensamento, onde o que o sujeito sente em relação a quaisquer categorias da geografia, neste caso o espaço, é o próprio objeto de estudo, devemos levar em consideração o modo de vida, a religião, a cultura e a liberdade, para se buscar as invariantes, ou essências do discurso do outro. Uma primeira invariante, neste caso, é que o espaço se torna lugar em diferentes escalas, desde um canto do quarto até um estado-nação, são formas diferentes de percepção do espaço vivido.

A construção do sentimento em relação do espaço, além de variar em escala, varia em relação a busca histórica na construção do significado do sujeito em relação ao seu espaço. Em muitos estudos, ou métodos, a história é um conjunto de fatos automáticos e seqüenciais e definem o espaço em igual para todos. No caso do espaço vivido, o significado dado se baseia na construção de cada um. A reconstrução da memória espacial é feita através do uso seletivo do passado. Estas invariantes se encontram nas construções do espaço. Heidegger já "enxergava" o homem livre, e este continua simplesmente preso por uma ciência objetiva demais.

O homem está envolto de espaços vividos, está também envolto de outros homens que possuem e percebem outros espaços de maneira diferente. Perceber, além de significar é dar valor. O geógrafo humanista deve, como diz BUTTIMER (1995, 182), "*imaginar a si próprio como um estrangeiro*", para que ele vença seu ego e consiga perceber o espaço vivido do outro.

É preciso avançar na busca das "unidades de significado" para o enriquecimento de material para análise fenomenológica, prosseguimos no estudo do espaço; este tem se apresentado como um conjunto de lugares e ao mesmo tempo universal, com interconexões, resultado da ação humana. É preciso pensar a respeito dos fenômenos constituintes do espaço cautelosamente, não é simplesmente apresentar uma característica visível no espaço como sentido essencial do fenômeno. Atualmente tem se falado dos lugares e não lugares, seriam estas partes da estrutura do fenômeno espacial? E a questão da globalização como homogeneização das relações econômicas e culturais, seriam parte desta estrutura? É necessário compartimentar o espaço em "fenômenos" para entendê-lo?

Dentro dessa análise do espaço como um conjunto de lugares, e mais como o resultado da ação humana, temos uma melhor referência desse fato, quando nos retemos as paisagens. Seriam estas partes de um espaço fragmentado, onde percebo através de imagens e sensações o poder do homem de modificação do espaço?

É fato que a paisagem é uma das categorias mais utilizadas pelos Geógrafos e para alguns até um objeto de estudo, onde a observação empírica torna-se ferramenta indispensável para o desenvolvimento da análise da mesma, pois esta baseia-se na observação e percepção. Dentro dessa linha de pensamento podemos considerar que teremos vários conceitos de paisagem de acordo com o seu observador e também de acordo com o seu interesse.

A paisagem seria então a ação do homem em um espaço escolhido por ele. Essa ação, seria ao

longo de um período de tempo, e atingiria uma outra paisagem social, cultural ou natural que já estaria presente naquele espaço. Então este (o espaço) estaria modificado e o resultado dessa modificação vislumbramos nas paisagens. Segundo MOREIRA (1994, p.50), *a paisagem no seu todo é o registro das tensões, sucessos e fracassos da história de uma sociedade. Nela encontramos todas as marcas da evolução histórica de um povo, fazendo assim do espaço, no dizer de Milton Santos, uma soma de tempos desiguais.*

Todo espaço é espaço de alguém, é o espaço do mais forte, de uma cultura dominante onde um grupo que se sobressai sobre outro, controla os meios de vida, terra, capital, matérias primas, força de trabalho, tentando fazer da sua verdade a realidade de cada um através do senso comum, impondo sua própria experiência do mundo. Então o ser do e no mundo encontra-se imerso em um espaço que nem sempre atende aos seus interesses, atende a interesses de poucos. Assim, percebe-se a construção do espaço, que é um espaço de outro, a qual está inserido, como um espaço idealizado, normatizado e estruturado para todos. Como existem várias culturas, grupos e estilos de vida, cada um ocupa uma parte do espaço e lhe dá características próprias, o organizando de acordo com suas concepções e necessidades, percebemos esse esquema através das paisagens que vislumbramos no dia a dia, pois estas resultam de ações, pensamentos, estilos de vida.

A paisagem é uma maneira de ver, uma maneira de compor e homogeneizar o mundo externo, ou seja a paisagem está intimamente ligada ao olhar, as imagens que são subjetivas. O que podemos verificar na fala de MOREIRA (1994, p.48) quando ele nos diz:

A imagem bem pode ser assim a externalização dessa sensibilidade interna longamente subjetivada pela própria história acumulativa das criações culturais do homem, que a lógica reflexa de estímulos externos ou revelada por uma substância metafísica emergindo do seu esconderijo oculto.

É através dessa categoria geográfica que o homem relê o mundo, relê porque a paisagem é movimento. É uma conversa que o homem estabelece com mundo externo por meio de linguagem simbólica nessa conversa o homem percebe o mundo em constante construção, onde a dialética das imagens passam como se fossem *flash backs*.

Quando o homem toma contato com a paisagem este retira dela seus significados e significantes através do seu olhar, das suas sensações. Esta paisagem que estamos falando vai impor ao homem um certo discurso que irá se fazer presente no seu cotidiano e este pode impor a ela (a paisagem) um novo discurso.

Ocorre uma interação entre cotidiano/paisagem, que nada tem a ver com aquelas paisagem estáticas do passado, hoje as paisagens são fluídas e segundo MOREIRA elas se metamorfoseiam tanto que parecem tela de cinema.

Concluindo temporariamente

A Geografia, ciência que busca sentido na distribuição e associação espacial das formas e fenômenos, deve ser capaz de interpretar as configurações sócio-morfológicas que estruturam o espaço, seja na paisagem percebida, no espaço vivido, no espaço percebido.

Trouxemos aqui algumas reflexões acerca da estrutura do fenômeno espacial. Para o avanço deste ensaio muita leitura será necessária, porém este começo foi-nos importante para a compreensão da evolução do conceito de espaço, tanto na filosofia quanto na geografia. Na segunda parte utilizamos da categoria paisagem para um enriquecimento e uma maior possibilidade de entendimento do todo através de uma de suas partes.

Referências

ABBAGNANO, Nicolau. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Mestre Jou, 1982.

ALVES, Glória da Anunciação. Cidade, Cotidiano e TV. In: **CARLOS**, A. F.(org.) *A geografia na*

sala de aula. São Paulo, Contexto, 1999.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Fenomenologia: Confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez, 2000.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: **CHRISTOFOLETTI**, Antônio (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1995.

CHAUÍ, Marilena. *Convite a Filosofia*. São Paulo: Editora Ática. (p. 75-82)

CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço, um conceito-chave da Geografia*. In: **CASTRO**, Iná Elias de. **CORRÊA**, Roberto Lobato (et. all). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: editora da UERJ.

LAPORTE, Anna Maria. **VOLPE**, Neusa. *Existencialismo: uma reflexão antropológica e política a partir de Heidegger e Sartre*. Curitiba: Juruá, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Freitas Barros, 1971.

MOREIRA, Ruy. *O racional e o simbólico na geografia*. In: **SOUZA**, Maria Adélia (et. all). *Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica*. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1994.

REZENDE, Antônio Muniz. *Concepção Fenomenológica da Educação*. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. *Educação e Ser-no-mundo. Um projeto de fenomenologia da educação*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1978.

SANTOS, Milton. *Espaço e Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1979.

SARTRE, J. P. *O Existencialismo é um Humanismo*. Lisboa, Ed. Presença, 1970.